

Dez anos do Projeto Equoterapia

Iniciativa da Esalq que usa cavalos para reabilitar deficientes já fez cerca de 80 mil atendimentos

CAIO ALBUQUERQUE

De Piracicaba

Toda quinta-feira, Maria José Stolf Herling passa manhã e tarde na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq) da USP. Com 82 anos, Dona Zezé, como é conhecida, realiza trabalho de voluntariado ensinando artesanato às mães de praticantes do Projeto Equoterapia.

A Esalq realiza esse projeto desde 2001, numa iniciativa pioneira entre as universidades públicas. O projeto oferece tratamento terapêutico e educacional complementar e utiliza o cavalo como instrumento de reabilitação de pessoas com deficiência física e/ou mental, para melhorar o desenvolvimento físico, psíquico, cognitivo e social.

Para comemorar os dez anos do Projeto Equoterapia, Dona



O Projeto Equoterapia em atividade: iniciativa pioneira

Foto: Roberto Amaral

Zezé e os profissionais das áreas de saúde e educação que auxiliam os cerca de 65 praticantes semanalmente foram homenageados no dia 23 de agosto, no Setor de Equinocultura do Departamento de Zootecnia (LZT) da Esalq. Em ato simbólico, foi feito um balanço das ações do projeto e descerramento de placa comemorativa.

Pesquisa – Desenvolvido no LZT, sob coordenação do professor Claudio Maluf Ha-

ddad, o projeto conta com profissionais nas áreas de fisioterapia, fonoaudiologia, psicologia, equitação e voluntários da graduação e pós-graduação, com atendimento de terça a sexta-feira. Atende cerca de 65 praticantes com diagnóstico de paralisia cerebral, síndromes genéticas – como síndrome de Down –, microcefalia, autismo, traumatismo cranioencefálico, traumatismo raquimedular, acidente vascular encefálico, Parkinson, deficiência visual,

esquizofrenia, hiperatividade e outras deficiências.

É filiado e reconhecido pela Associação Nacional de Equoterapia (Ande Brasil) e, em 2005, foi reconhecido pela USP, entre as 60 ações da Universidade, como o segundo melhor projeto envolvendo atendimento à população carente em conjunto com atividades de ensino e pesquisa.

“Desde 2001, foram realizados cerca de 80 mil atendimentos, uma média de 8 mil por ano. Além disso, entre 25 e 30 trabalhos científicos foram publicados a partir de estudos desenvolvidos por profissionais das áreas mais diversas e aproximadamente 500 pessoas foram formadas em cursos de Equoterapia. Ou seja, completamos o ciclo de ensino, pesquisa e extensão”, relata o professor Claudio Haddad.

Além do atendimento aos

portadores de necessidades especiais, o projeto forma interessados em desenvolver núcleos de equoterapia em outras regiões, por meio de cursos de difusão cultural realizados anualmente pela equipe interdisciplinar. Conta também com a prestação de serviço voluntário, aberto a todas as pessoas, de quaisquer profissões e também com o trabalho de estudantes das áreas afins, que aprimoram seus conhecimentos a partir de estágios.

Segundo Claudio Haddad, dez anos são significativos e fazem refletir sobre desafios e perspectivas. “É importante salientar que o projeto possibilita que a Universidade preste contas para sociedade. Temos a consciência de que fizemos algo importante e temos o reconhecimento dos praticantes e seus familiares”, conclui.